



Amor e distinção política

Prêmio JK concede homenagens especiais ao ex-presidente da República José Sarney e à ex-governadora do DF Maria de Lourdes Abadia. Eles destacaram a importância e o significado da iniciativa para a capital federal

» FERNANDA STRICKLAND

O Prêmio JK rendeu homenagens especiais a quatro personalidades da política, da ciência e dos negócios. No campo da política, foram agraciados José Sarney, presidente da República entre 1985 e 1990, e Maria de Lourdes Abadia, a primeira mulher a governar o Distrito Federal. Em mensagem por meio de vídeo exibida na noite de ontem, Sarney destacou a importância histórica e simbólica do prêmio. Ausente por estar fora da capital, ele iniciou o discurso pedindo “desculpas” por não poder estar presente e ressaltando o valor da celebração para a memória de Brasília. “Eu quero apresentar minhas desculpas nesta noite tão brilhante de uma solenidade tão significativa como é o lançamento, pela primeira vez, do Prêmio Juscelino Kubitschek do **Correio Braziliense**. Quero justificar esta ausência porque me encontro fora de Brasília e,

infelizmente, não pude estar na cidade para congratular e participar desta solenidade, que eu tenho tanto apreço”, afirmou. O ex-presidente enfatizou que o prêmio é, acima de tudo, uma homenagem à capital federal e ao papel do jornal na preservação de sua história. Ele destacou a idealização de Guilherme Machado, presidente dos Diários Associados, e da jornalista Ana Dubeux, diretora de Redação do **Correio**, responsáveis pela criação da premiação. “O prêmio é uma homenagem à cidade de Brasília. Foi concebido por Guilherme Machado, que assegura a continuidade da liderança do **Correio Braziliense** na capital federal, e por Ana Dubeux, esta expressão da inteligência nacional, grande jornalista e intelectual, que tem acompanhado a história da cidade, contando seu dia a dia por meio do jornal, que é, sem dúvida, o documentário mais importante do nosso cotidiano”, disse.

Sarney ressaltou o encontro

simbólico entre duas figuras que marcaram a história do país: Juscelino Kubitschek, fundador de Brasília, e Assis Chateaubriand, criador dos Diários Associados. Para ele, a premiação valoriza não apenas personalidades que contribuíram para o desenvolvimento da cidade, mas também o papel fundamental da imprensa na construção da identidade brasileira.

“Esse prêmio tem o significado de homenagear as personalidades que muito fizeram por Brasília e que acompanham a vida diária desta cidade, do seu desenvolvimento, e que têm amor à cidade”, afirmou o ex-presidente. O neto João José Serra Sarney representou o avô e citou a responsabilidade por receber a homenagem em nome da família. “É uma grande honra, estou muito feliz, me sinto muito prestigiado em poder estar aqui, representando meu avô.”

Para o neto de Sarney, o Prêmio JK cumpre papel essencial, ao reconhecer aqueles que ajudaram a moldar

a cidade desde sua construção até a consolidação institucional e cultural. “O prêmio tem uma importância enorme. Para a gente continuar desenvolvendo, tem que reconhecer aqueles que prestaram seu serviço para a cidade. Homenagear e prestigiar essas pessoas é essencial para que a gente continue crescendo”, afirmou.

Emoção

A ex-governadora do Distrito Federal, Maria de Lourdes Abadia, protagonizou um dos momentos mais marcantes da noite. Homenageada pela contribuição histórica à capital federal, não conteve a emoção ao revisar passagens pessoais e políticas que, segundo ela, “se confundem com a própria história de Brasília”.

No início de sua fala, a ex-governadora destacou que não esperava a homenagem, especialmente de um veículo que acompanhou de perto sua trajetória, desde os primeiros passos na vida pública. “Eu estou

super emocionada. Uma homenagem assim, eu não esperava. Mas, por tratar-se do **Correio Braziliense**, que sempre me acompanhou nos primeiros passos da minha vida política e profissional, estou super emocionada, super agradecida de estar recebendo esse prêmio, e com um título tão lindo”, afirmou.

Abadia dedicou a homenagem às mulheres e fez um apelo contundente: “Quero dizer a todos vocês, brasileiros, que não duvidem do amor, do carinho que eu tenho por esta cidade e pelo seu povo. De Brasília e do Brasil, gostaria de deixar uma mensagem. Sei que esta celebração é grandiosa e será amplamente divulgada. Desejo deixar uma mensagem: não matem as mulheres.”

A ex-governadora recordou momentos de grande simbolismo em sua carreira, ao mencionar o apoio recebido do jornal ao longo de décadas. “No dia em que assumi a administração de Ceilândia, a manchete de uma página do **Correio** foi

‘A figura proeminente de Ceilândia chama-se Maria’ (...) Quando subi a rampa do Palácio do Buriti para receber a faixa de primeira mulher a governar Brasília, o **Correio** novamente se destacou”, disse. E reforçou sua gratidão: “Dentre todas as homenagens que recebi, esta me tocou profundamente. Não sei onde colocá-la, mas vou expô-la na entrada.”

Perguntada sobre as lembranças evocadas pela premiação, Abadia resgatou sua origem e a ligação da família com a capital. “Eu gostaria muito que meus pais estivessem vivos para que eles assistissem, porque meu pai foi um jardineiro da Novacap e ajudou a construir Brasília.” Ao revisar sua ascensão política, destacou o papel coletivo da jornada: “Eu fui eleita, retornei à Câmara, assumi várias secretarias e, ultimamente, fui a primeira mulher a governar Brasília. Então, eu só tenho gratidão, porque você não faz uma caminhada dessa sozinha, você faz com a população.”

Premiados

Mariana Campos/CB/D.A Press



Guilherme Felix/CB/D.A Press



José Sarney, testemunha e parte da história do Brasil

Personagem central da política brasileira nos séculos 20 e 21, José Sarney é, ao mesmo tempo, testemunha e protagonista de transformações decisivas do Brasil contemporâneo. Aos 95 anos, o ex-presidente, que conduziu a transição entre a ditadura militar e a redemocratização, preserva um legado que ultrapassa a política institucional e atravessa campos como a literatura, a administração pública e a formação do Estado moderno.

Maranhense de nascimento e brasiliense de coração, Sarney viu Brasília crescer desde a inauguração e ajudou a moldar parte do ambiente político que fez da capital o centro do poder nacional. Ao assumir a Presidência da República, em 1985, depois da morte de Tancredo Neves, ele enfrentou a missão de garantir que a transição democrática se consolidasse e que o país encontrasse estabilidade institucional após duas décadas de regime militar.

Foi sob sua gestão que o Brasil convocou a Assembleia



Esse prêmio tem o significado de homenagear as personalidades que muito fizeram por Brasília e que acompanham a vida diária da cidade e de seu desenvolvimento”

Nacional Constituinte, responsável pela promulgação da Constituição de 1988. O período também foi marcado por crises econômicas, planos de estabilização e intensos debates públicos.

Em Brasília, Sarney construiu não apenas a carreira política, mas parte essencial de

sua vida pessoal. Desde a década de 1960, quando estreou como deputado federal, circulou entre os principais espaços de poder e acompanhou de perto a consolidação da Esplanada dos Ministérios, do Congresso e das instituições federais. Como senador por vários mandatos, presidiu o Senado e a sede do Legislativo.

Além da política, o ex-presidente edificou uma sólida carreira na literatura — desde 1980 ocupa uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL). Autor de romances, crônicas e reflexões sobre o país, busca, no ato de escrever, o contraponto à vida pública, ao descrever paisagens do Maranhão, memórias pessoais e observações sobre o Brasil profundo. A produção literária, que permeia décadas, é também uma forma de compreender a trajetória de um homem que viveu intensamente os bastidores da República.

» Giovanna Sfalsin

Maria de Lourdes Abadia, lutadora pelos direitos sociais

Nascida em Bela Vista de Goiás, em 1944, Maria de Lourdes Abadia cresceu longe dos gabinetes. Foi no trabalho diário com famílias vulneráveis, como assistente social recém-formada pela Universidade de Brasília (UnB), que aprendeu a ouvir, negociar e, acima de tudo, cuidar. Em 1971, atuou na Comissão de Erradicação de Invasões, quando Brasília ainda desenhava seus contornos sociais. Ali, enfrentou a realocação de favelas, os conflitos e as desigualdades que expunham um DF recém-nascido.

A vida pública começou a tomar forma em Ceilândia, onde ela viveu por 16 anos, tornando-se a primeira administradora regional da cidade — cargo que ocupou por mais de uma década. Foi esse vínculo que a levou à política partidária.

Em 1986, recebeu a visita de Marco Maciel, de Aureliano Chaves e de Osório Adriano, nomes influentes à época. O convite para fundar o Partido da Frente Liberal (PFL) veio junto ao choque de que, até aquele momento, nunca



Poderia ter escolhido uma flor ou uma estrela, para invocar, em nome de Jesus, mas Ele escolheu uma Maria. Portanto, às mulheres, dedico esta mensagem. Muito obrigada”

tinha participado de qualquer votação. No mesmo ano, fez história como uma das duas mulheres eleitas para a primeira bancada federal do Distrito Federal. Em seguida, como uma das 26 mulheres entre os 559 constituintes responsáveis pela redação da Constituição de 1988.

O ambiente era quase todo masculino e, muitas vezes, hostil.

As mulheres, de diferentes partidos e perfis, decidiram se unir. Nasceu, assim, o emblemático “lobby do batom”, uma articulação suprapartidária de deputadas e de mulheres ativistas na Assembleia Constituinte de 1987, para garantir direitos básicos. O primeiro deles foi a instalação de um banheiro feminino no plenário da Câmara Legislativa.

Doze anos depois, tornou-se vice-governadora na chapa de Joaquim Roriz e, em 2006, a primeira mulher a governar a capital federal. Além disso, deixou seu nome na memória afetiva de Ceilândia, onde o estádio local carrega sua assinatura como homenagem, o famoso Abadião. Hoje, mesmo longe de mandatos, permanece como referência de representatividade feminina no DF. Recentemente, ao **Correio**, criticou o “ódio, o rancor e as fake news” que dominam o debate político, além de ter defendido, sem hesitar, mais mulheres, jovens e minorias em espaços de decisão.

» Giovanna Sfalsin